

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Jaqueline Backendorf Regert

**REPRESENTAÇÃO FEMININA NA MÍDIA: PARA ALÉM DE
“MUSAS”**

Santa Maria, RS

2017

Jaqueline Backendorf Regert

REPRESENTAÇÃO FEMININA NA MÍDIA: PARA ALÉM DE “MUSAS”

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Física Escolar**

Orientador: Prof. Dr. Antonio Guilherme Schmitz Filho

Santa Maria, RS

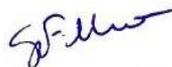
2017

Jaqueline Backendorf Regert

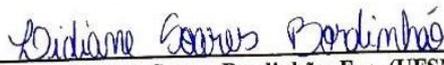
REPRESENTAÇÃO FEMININA NA MÍDIA: PARA ALÉM DE “MUSAS”

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Física Escolar**

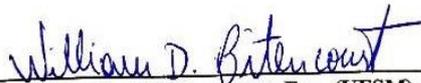
Aprovado em 15 de dezembro de 2017:



Antonio Guilherme Schmitz Filho, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Lidiane Soares Bordinhão, Esp. (UFSM)



William Daniel Bitencourt, Esp. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

RESUMO

REPRESENTAÇÃO FEMININA NA MÍDIA: PARA ALÉM DE “MUSAS”

Autora: Jaqueline Backendorf Regert

Orientador: Antonio Guilherme Schmitz Filho

O artigo visa analisar a cobertura midiática realizada sobre a participação feminina nas Olimpíadas Rio 2016, bem como, reconhecer e analisar as principais características que envolvem a construção da informação esportiva, no que se refere à constituição do gênero feminino no esporte. Para tanto, utilizou-se uma metodologia de base descritivo-analítica com abrangência qualitativa e a base de coleta dos dados voltou-se ao recorte de reportagens do portal de notícias Globoesporte.com. Como resultados, encontrou-se a reafirmação de representações de feminilidades e discursos que descaracterizam o esporte feminino.

Palavras-chave: Gênero; Mídia; Esporte; Mulheres; Olimpíadas.

ABSTRACT

FEMININE REPRESENTATION IN THE MEDIA: BEYOND “MUSES”

Abstract

This article aims to analyze the media coverage of women participation in the Rio 2016 Olympics, as well as to recognize and analyze the main characteristics that involve the construction of sports information, regarding the constitution of the female gender in sport. For that, a descriptive-analytical base methodology with a qualitative scope was used and the base of data collection was turned to the cut of reports of the Globoesporte.com news portal. As a result, the reassertion of representations of femininities and discourses that disfigure the feminine sport was found.

Keywords: Gender; Media; Sport; Women; Olympics.

Introdução

O esporte, enquanto fenômeno social, abrange valores culturais e normas de diferentes grupos, em determinados momentos históricos. Assim como em outras esferas da sociedade, para as mulheres, o esporte tornou-se mais uma conquista, quando se refere a inclusão e aceitação das mesmas. Permeadas por normatizações de feminilidades e masculinidades e papéis de gênero ao longo dos tempos, as práticas esportivas foram modificando-se e junto com elas as barreiras impostas às mulheres derrubadas.

Historicamente o ambiente esportivo constituiu-se como um lugar de hegemonia masculina, tanto que por muito tempo as mulheres foram proibidas de praticarem esportes e somente em 1900, na segunda edição das Olimpíadas da era moderna, puderam competir. A história das Olimpíadas demonstra inferioridade feminina no número de participantes, as estatísticas se alteraram lentamente e apenas na edição de 2016 alcançou o marco 45,2%. A Olimpíada Rio 2016 foi considerada a mais feminina da história, onde 5.176 atletas mulheres disputaram quarenta e duas modalidades esportivas, sendo que para 2020, o Comitê Olímpico Internacional, pela primeira vez projeta a igualdade no número de atletas de ambos os gêneros¹.

A mídia possui um papel fundamental na promoção, difusão e manutenção do esporte. Mas é possível afirmar que ambos são interdependentes, uma vez que um é indispensável para o outro, ou seja, o esporte vende a mídia e a mídia vende o esporte (KNIJNIK, 2007). Nesse contexto o debate sobre o esporte feminino merece uma maior relevância, já que ainda ocupa lugar marginalizado na sociedade e na mídia, embora a presença feminina no mundo esportivo seja realidade, o que se observa é que, de fato, ainda não existe engajamento para o desenvolvimento de uma cultura esportiva feminina.

As representações e padrões esportivos de masculinidades e feminilidades têm na mídia esportiva um espaço de transformação e naturalização. Com seu poder de alcance, a mídia, como os mecanismos de produção, vai reproduzindo o que já é aceito socialmente. Faz-se necessário então, pensar que, para além de se configurar como simples reprodutora de representações já estabelecidas, a mídia também tem o poder de produzi-las (MÜHLEN, 2008). O que remete às coberturas jornalísticas esportivas que ao abordarem esportes femininos estabelecem um sentido através de atributos e qualificações que são preponderantes nas

¹ <https://www.olympic.org/women-in-sport/background> acesso em 15 de out. de 2017 às 20h17min.

construções das notícias. A constante valorização de atributos estéticos ou comportamentais, aliado a depreciação do desempenho esportivo apontam para normatização, ainda que de forma sutil, de como as mulheres esportistas devem ser vistas/interpretadas.

Dessa forma, objetiva-se com o artigo analisar a cobertura midiática realizada pelo site Globoesporte.com sobre a participação feminina nas Olimpíadas Rio 2016. Estima-se ainda, reconhecer e analisar as principais características que envolvem a construção da informação esportiva e compreender como o movimento noticioso age na formação de um juízo de valor próprio, relacionado a uma noção de esporte específica, naquilo que diz respeito à constituição do gênero feminino no esporte.

Notas sobre gênero e a inserção feminina no esporte

O conceito de gênero está relacionado à história do movimento feminista contemporâneo, o qual estruturou-se como um movimento social organizado no século XIX, no Ocidente. A “primeira onda” do feminismo pela luta contra desigualdades e discriminação, foi o chamado *sufragismo*, movimento que objetivava, principalmente, o direito do voto às mulheres e, que alcançou vários países ocidentais. Já na “segunda onda”, no final da década de 1960, o feminismo, além das questões políticas e sociais, passou a dedicar-se também às construções propriamente teóricas, momento em que instauraram-se debates entre estudiosas e militantes, de um lado, e críticos, de outro, criando e problematizando o conceito de gênero (LOURO, 2003).

Ainda conforme a autora, o movimento feminista passou a denunciar a invisibilidade feminina como sujeito, uma vez que os discursos restringiam o universo feminino ao trabalho doméstico e aos cuidados da família, impossibilitando a participação em outros ambientes da esfera pública. Lentamente os direitos foram conquistados, exemplo disso é a inserção feminina no mercado de trabalho, ainda que em funções secundárias, controladas por homens, em escritórios, lojas, hospitais ou relacionadas à educação, ou seja, funções que condiziam com as características consideradas femininas.

As desigualdades sociais, bem como os papéis desempenhados por homens e mulheres, por muito tempo se justificaram através das diferenças biológicas, as quais colocavam o homem como detentor do poder, de forma natural e legítima. Pierre Bourdieu em sua obra *A dominação masculina* afirmou:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2012, p.20).

Porém essa distinção como única, passou a ser problematizada, através do feminismo, não a partir da negação da constituição do gênero sobre um corpo sexuado, mas enfatizando a construção social e histórica produzida sobre as diferenças biológicas. Se estabeleceu assim, de acordo com Louro (2003, p.22),

Recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Para a historiadora Joan Scott (1995), gênero torna-se uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder. A autora entende gênero como uma criação inteiramente social de ideias sobre símbolos, normas, atitudes e identidades relacionados aos homens e às mulheres.

Desse modo, ao analisar gênero, não significa o estudo das ou sobre as mulheres, mas sobre as relações entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como sujeitos de gênero. Implica, “analisar os processos, as estratégias, os saberes e as práticas sociais e culturais que educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos”. (MEYER, 2004, p.15).

A autora afirma ainda sobre a importância de se considerar que as políticas de uma sociedade, as normas, os conhecimentos e as doutrinas, “são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino, ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação” (MEYER, 2004, p.16).

Nesse sentido, esporte pode ser compreendido como uma tela para a projeção de valores culturais de cada sociedade, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também suas

peculiaridades sociais (RUBIO e SIMÕES, 1999). Também definido por Goellner (2003) como um território repleto de ambiguidades, o ambiente esportivo, fascina e desassossega homens e mulheres, tanto porque contesta os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, faz vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções e instintos individuais.

O esporte reproduz padrões, comportamentos e normas. Neste contexto, as questões de gênero sempre estiveram presentes, historicamente houve diferenciação e interdições quanto às práticas esportivas, fundamentadas em discursos e representações de feminilidades e masculinidades. Enquanto o esporte se constitui para os homens como fenômeno natural, para as mulheres tornou-se mais uma conquista na busca por igualdade.

A participação feminina nas Olimpíadas da era moderna, maior evento esportivo em nível mundial, ilustrou claramente as barreiras e proibições pelas quais as mulheres precisaram transpassar para possuírem os mesmos direitos que os homens. Consideradas usurpadoras de um espaço essencialmente masculino, as mulheres não puderam participar da primeira edição, em 1896, pois para Pierre Coubertin, idealizador das Olimpíadas, elas poderiam vulgarizar esse ambiente recheado de glórias e conquistas (GOELLNER, 2005).

A exclusão das mulheres se baseava nos ideais vitorianos sobre papéis sociais apropriados para ambos os sexos, nos quais ao homem associavam-se os conceitos de vigor, moralidade, combatividade e à visibilidade pública, todos valorizados nos Jogos Olímpicos, e à mulher a maternidade, o cuidado com a casa e a clausura do lar. (DEVIDE, 2005, P. 90).

A inclusão e participação feminina nas edições subsequentes ocorreu de forma lenta e gradativa, no início apenas em poucas modalidades e que contemplassem características femininas, “consideradas belas, esteticamente, e que não ofereciam contato físico entre as participantes” (RUBIO e SIMÕES, 1999, p.53). A proibição do contato físico entre as participantes se devia pela visão de fragilidade e também baseado na concepção do papel reprodutor, engessadas à “verdadeira feminilidade”, ou seja, as mulheres deveriam ser meigas, delicadas e gentis (ADELMAN, 2003).

Tanto o aumento no número de praticantes, como a competição em esportes considerados exclusivamente masculinos ocorreu lentamente, uma vez que ao inserirem-se no ambiente esportivo, poderiam desestabilizar uma estrutura social consolidada e que se justificava nas diferenças biológicas, a quais supunham superioridade e dominação masculina.

A habilidade esportiva dificilmente se compatibilizava com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina (LENKKYJ apud ADELMAN, 2003, p. 448).

Muitas foram as justificativas para a proibição da prática feminina no Brasil, dentre elas a preocupação com a honra, o cuidado com o corpo, aparência e fisiologia. Goellner (2005) afirma que, amparado em movimentos na sociedade contrários a inserção feminina no ambiente esportivo, o Conselho Nacional de Desportos oficializou dois documentos que vetavam à participação feminina em determinadas práticas esportivas, o primeiro em 1941, que proibia modalidades como lutas, boxe, salto com vara, salto triplo, decatlo e pentatlo; o segundo em 1965, vetando futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rugby e halterofilismo.

A interdição feminina naquele momento remete às concepções de esporte da época, bem como padrões normatizados de feminilidade, os quais afastavam as mulheres de práticas que exigissem força, competitividade ou pudessem apresentar qualquer tipo de violência. Essas proibições perduraram por algumas décadas no Brasil, mas é possível afirmar que o preconceito e a resistência quanto à inserção feminina em esportes considerados “masculinos” esteve presente também em outros países.

As Olimpíadas comprovam essa afirmação, uma vez que somente em 1992, foi permitida a primeira competição feminina no judô. Em 1996, o futebol feminino passou a ser disputado, assim como o vôlei de praia. E apenas em 2012 houve a disputa do boxe feminino, o qual ocorreu ainda com indícios de preconceito, pelo fato de que o Presidente Internacional de Boxe Amador sugeriu que as mulheres utilizassem saias no momento das lutas, para que fossem identificadas como tais e para que o esporte ficasse mais “feminino” (NASCIMENTO, 2012).

A revisão de literatura aponta para um processo contínuo e árduo, em busca de igualdade e desconstrução de estereótipos. O conceito de gênero emergiu para desestabilizar as diferenças instituídas entre mulheres e homens não somente na sociedade, mas também no esporte que segundo Hall (2003), pode ser entendido como um espaço político e, especialmente, um lugar de resistência e de transformação das relações de gênero.

Mídia esportiva em processo

A espetacularização esportiva no ambiente midiático, nos últimos anos, cresceu em densidade e abrangência. Os grandes eventos esportivos passaram a figurar como um importante canal de entretenimento, de troca cultural e de agenciamento de recursos financeiros.

Os eventos esportivos, como movimentos sociais, não se limitam apenas a representar uma competição, pois refletem também características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas, etc. Assim, toma-se os acontecimentos esportivos como fatos complexos, que trazem um conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a plateia, os dirigentes, as mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc. (BORELLI, 2001, p.3).

O esporte tornou-se um fenômeno cultural de grande visibilidade no cenário mundial, muito da sua popularização pode ser atribuída à intensa relação do esporte com a mídia, a qual, através de seus vários artifícios, tem possibilitado que eventos sejam acessados em diferentes sociedades, produzindo assim novas informações e, também, novos consumidores.

Para além de uma simples ferramenta tecnológica, a mídia assume funções sociais na sociedade, conforme Santos e Mezzaroba (2012, p.36) “modificando valores e significados, criando representações sociais que surgem a partir de suas necessidades específicas e alterando princípios existentes na sociedade”.

Nesse contexto, o discurso da mídia ocupa papel importante na narrativa e na construção das representações sobre gênero no esporte, as convenções discursivas tendem a traduzir e perpetuar relações sociais naturalizadas pelo senso comum. A construção discursiva pode contribuir para a desmistificação de tabus, mitos e estereótipos ou, ao contrário, contribuir para reforçá-los e legitimá-los, dessa forma, é fundamental verificar como as identidades feminina/masculina são construídas pela mídia (JOHN, 2014).

Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades. Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos. (GREGOLIN, 2007, p.23).

A internet figura entre os diversos meios de comunicação de massa que dialogam com o fenômeno esportivo. O seu crescimento exponencial decorre devido à democratização, e conseqüentemente, aumento no acesso à tecnologia, que permitem a conexão com o mundo virtual de qualquer lugar e a qualquer hora (JANUÁRIO, 2016).

O portal de notícias escolhido para o estudo, trata-se do site *Globoesporte.com*, pertencente à *Globo.com*, a qual ocupa a 5ª posição no ranking de portais mais visitados do Brasil, conforme o site *Alexa*², também é o primeiro portal brasileiro a aparecer no ranking, permanecendo atrás de portais com grande representatividade global, como *Google.com.br*, *Youtube.com*, *Google.com* e *Facebook.com*³. Através do site *Alexa* pode-se também verificar que o *Globoesporte.com* atualmente é o segundo site mais acessado do portal *Globo.com*⁴.

O *globoesporte.com* foi lançado em 2005 e desde então vem assumindo o protagonismo nos portais de notícia esportiva, como é possível observar a partir do número de usuários que acessam especificamente o site *Globoesporte.com*, que mostram-se significativos. Em números de audiência, somam-se 27,1 milhões de visitantes únicos, e as páginas visitadas por mês alcançam a marca de 673,7 milhões. O perfil dos visitantes mostra que a maior parte dos usuários pertence às classes A e B (64% do total); a idade varia entre 15 e 44 anos (81% do total). E, com relação ao sexo, 67% daqueles que acessam o site são homens e 33% são mulheres⁵.

A escolha do site diz respeito a sua credibilidade, abrangência nacional e pela cobertura completa das Olimpíadas, o que contribui para a coleta e desenvolvimento do estudo. Cabe então, analisar de que forma são apresentadas as notícias e qual sentido é atribuído à informação quando se tem a figura feminina como protagonista.

Procedimentos metodológicos

As perspectivas de aplicação metodológicas são referendadas em Schmitz (2005, p.16-21) e se estruturam a partir da cobertura midiática da participação feminina nas Olimpíadas Rio 2016, no portal de notícias *Globoesporte.com*, durante a realização do evento, no período compreendido entre 05 e 21 de agosto de 2016; com especial atenção à ênfase que o autor oferece para estudos cartográficos como forma de mapear as relações entre o sistema esportivo e o jornalístico e as tensões e retroalimentações entre eles e o ambiente.

² Alexa Internet Inc. é um serviço de Internet que mensura a quantidade de usuários que visitam um determinado site da Internet. Através do Alexa é possível saber quantos acessos um site tem e sua posição no ranking nacional ou mundial. É uma ferramenta pela qual podemos ter ideia dos sites mais populares na Internet em termos globais ou em um determinado país.

³ <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR> acesso em 9 de out. 2017 às 22h.

⁴ <https://www.alexa.com/siteinfo/globo.com> acesso em 9 de out. 2017 às 22h.

⁵ Pesquisa feita pelo site de análise de audiência ComScore em março de 2017, disponibilizada pelo portal *globo.com*, disponível em: <http://anuncie.globo.com/redeglobo/sites/esportes/globoesporte/home.html> acesso em 9 de out. 2017 às 22h.

A partir do planejamento para a ação cartográfica, parte-se para um **roteiro de indagações** que fornece subsídios às questões específicas e colabora na manutenção de uma visão abrangente das orientações metodológicas. A título de exemplo, são apresentadas algumas das indagações:

- A mídia contribui para a manutenção de estereótipos no esporte?
- Quando as notícias apresentam a figura feminina, a informação dá conta de responder aos pressupostos esportivos envolvidos?
- Como a notícia age na formatação de um entendimento e de uma compreensão da relação esporte-mulher?
- Qual o papel da mídia na construção de uma cultura esportiva feminina?

No caso da metodologia empregada, sempre é realizada uma readequação dos questionamentos para qualificar a descrição e a análise em seu aspecto geral; porém algumas são diluídas no texto final ou até mesmo não são especificamente desenvolvidas. Observando-se as recomendações indicadas, estrutura-se um roteiro (SCHMITZ, 2005), que serve para alinhar uma planilha de análise coerente com as proposições estabelecidas. A planilha considera como pano de fundo para essa investigação a midiatização de cenários esportivos femininos durante as Olimpíadas Rio 2016 e como os ritos midiáticos se sobrepõem determinando as formas de reconhecimento às diversas relações em ato:

- Descrições do ambiente caracterizando as misturas entre notícias e a participação feminina no evento.
- Ritos iniciais: apresentação das tramas e dos enredos envolvidos.
- Papéis jornalísticos assumidos pelos diferentes envolvidos durante a cobertura do evento (protagonistas e coadjuvantes).
- Tensão entre o objeto de investigação e as apreciações produzidas para a determinação de interesses/utilidades: notícias x eventos, fatos polêmicos x apreciações e outros.

Nas descrições, devido ao grande número de material coletado, estima-se caracterizar o enfrentamento produzido entre zonas quentes e frias. As zonas frias, se considerando a diminuição do grau de significância dos elementos analíticos, serão desprezadas (no processo de microanálise). As zonas quentes serão mantidas (no processo de microanálise), observando-se a seleção dos pontos que reforçam a qualificação do objeto de investigação proposto (significância).

Para um melhor entendimento de como o roteiro age na construção do modo analítico, faz-se necessário uma apresentação dos procedimentos utilizados durante o processo de descrição dos picos dramáticos. Tudo é apresentado como **instruções de uso**:

- Movimento um: utiliza-se uma planilha inicial com um texto sujo. Em seguida são retirados os pontos explicitados na apresentação do trato analítico.
- Movimento dois: a planilha assume um segundo formato e se organiza um texto mais limpo. Enfatizam-se os aspectos relacionais apresentados no problema. A apresentação do texto segue a ordenação dos acontecimentos e assume uma forma sintética.

Resultados e discussões

Durante a realização do megaevento, no período de 05 à 21 de agosto de 2016, foram coletadas 634 notícias sobre a participação feminina, no site Globoesporte.com. A organização das mesmas ocorreu conforme a abordagem, assunto e importância, criando-se assim, três níveis de recolhimento das reportagens para o encaminhamento da análise: 1) **DESVALORIZAÇÃO DO GÊNERO FEMININO**: reportagens que fazem comparações entre atletas de gêneros diferentes, reforçam construções sociais de papéis de gênero, assim como apelam para o sensacionalismo. 2) **DESTAQUE POSITIVO**: destaca o bom desempenho das atletas ou dão destaque a algum acontecimento importante e positivo. 3) **REPORTAGEM PADRÃO**: aborda as competições e as modalidades, traz os resumos e resultados de confrontos, dos lances importantes e/ou entrevistas com as atletas.

Dessa forma, em conformidade com o problema de investigação, a descrição é baseada nos principais episódios encontrados no primeiro nível, os quais, por vezes, não dão conta de responder aos pressupostos esportivos envolvidos e apresentam perspectivas que descaracterizam aquilo que deveria de fato constituir a essência da informação apresentada. Os outros níveis foram descartados no processo descritivo a partir de dois pontos fundamentais: a) toda vez que havia referência a um destaque positivo, na maioria dos casos, esses eram associados as figuras e desempenhos masculinos e b) no contexto das reportagens padronizadas, também houve o uso exagerado e subliminar de questões envolvendo o apelo estético ou figurado às mulheres nas notícias.

Uma eterna queda de braço: feminino x masculino

O primeiro ponto de análise encontra-se nas comparações realizadas no ambiente esportivo. Atletas mulheres normalmente são comparadas com atletas homens, tomando-os como referência. Neste contexto, algumas reportagens são descritas:

No dia 11 de agosto de 2016, surge a reportagem com o seguinte título: *Com atenção em Phelps, Katinka Hosszu tenta roubar a cena nos Jogos*⁶.

Chamar atenção em uma Olimpíada onde Michael Phelps supera a marca de 20 ouros conquistados é tarefa quase impossível. Para dividir as atenções com o maior atleta olímpico da história, é preciso talento e muita paciência. [...] A Dama de Ferro enfim vinga nos Jogos e consegue a façanha de brilhar nos holofotes apontados para o americano. [...] Katinka Hosszu tem conseguido dividir um pouco das atenções de Michael Phelps. Enquanto o mito americano vai se despedindo de maneira marcante, a Dama de Ferro segue o caminho para transformar seu apelido.

É possível perceber que o foco da reportagem não é sobre o feito de Katinka, ter conquistado três ouros e a quebra dos recordes olímpico e mundial, na mesma edição das Olimpíadas. O que deveria ser motivo de reconhecimento, pelos anos de esforço e dedicação a qual a atleta se submeteu para atingir o pódio. Tal dedicação lhe rendeu o apelido de Dama de Ferro, pelo número de competições e treinamentos que enfrentou, após disputar três Olimpíadas sem vencer nenhuma. Ao contrário, o destaque da reportagem foi o também nadador Michael Phelps, criando uma falsa disputa por holofotes. O fato de Phelps ser um grande vencedor, segundo a matéria, impossibilita a visibilidade da atleta da mesma modalidade e reforça que é preciso muito esforço para receber a devida atenção.

Phelps e Usain Bolt foram uns dos nomes mais comentados nessa edição das Olimpíadas, obviamente que não se pode negar o grande protagonismo dos mesmos no esporte. Porém é perceptível que a comparação com eles, além de ser infundada, é motivo de irritação entre as atletas. O que é compreensível, já que historicamente muitas barreiras foram impostas à prática feminina, e por mais que atualmente as mulheres figurem nos mais diferenciados âmbitos esportivos, existem diferenças gigantescas quando comparado ao esporte masculino, no que tange a patrocínios, apoio, visibilidade e igualdade de oportunidades.

⁶ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/com-atencao-em-phelps-katinka-hosszu-tenta-roubar-cena-nos-jogos.html> acesso em 12 de ago. de 2016 às 9h.

A mídia que poderia funcionar como uma ferramenta para o desenvolvimento e promoção do esporte feminino, acaba desvalorizando as conquistas de mulheres que se empenharam e ainda se empenham para obter reconhecimento no esporte. A falta de visibilidade por si só já é negativa, porém além dela, a mídia se utiliza das mulheres para exaltar os homens. Ao serem entrevistadas, por vezes, as perguntas dos repórteres não são relacionadas as mesmas ou aos esportes por elas praticados, mas sim sobre atletas masculinos.

Exemplo disso encontramos na reportagem do dia 20 de agosto de 2016, intitulada: *Climão! Após prata, jamaicanas se irritam com pergunta sobre Bolt*⁷.

O principal momento da noite foi o terceiro ouro de Usain Bolt na Olimpíada do Rio. Ao lado do time jamaicano de revezamento 4x100m, o astro chegou ao seu nono título em três edições de Jogos. [...] Campeãs olímpicas, as americanas receberam a maioria das perguntas por parte da imprensa. Quando finalmente uma questão foi dirigida para as atletas jamaicanas, o assunto era o feito histórico de Bolt na Olimpíada de 2016. Antes da resposta, houve troca de olhares das atletas. Uma situação parecida havia acontecido na semana passada, quando perguntas sobre o velocista foram feitas na coletiva de imprensa das medalhistas dos 100m. “Usain vem aqui depois desta coletiva”, disse Shelly-Ann.

O início da reportagem já demonstra a falta de respeito com todas as atletas que disputaram o revezamento 4x100m, uma vez que de forma explícita considera o momento mais relevante da noite a conquista do terceiro ouro de Bolt. O fato de terem terminado na segunda colocação e terem ganho a medalha de prata talvez não incomode tanto quanto a falta de interesse da mídia com a prática feminina, uma vez que os questionamentos não se referiram à prova disputada por elas, mas sim ao compatriota. O que se justifica, pois como o texto aponta, não foi a primeira vez que as perguntas não estavam relacionadas ao desempenho das velocistas.

No mesmo sentido encontramos a reportagem do site Globoesporte.com, do dia 12 de agosto de 2016, com o seguinte título: *Biles afirma: "Não sou o próximo Bolt ou Phelps, sou a primeira Simone Biles"*⁸.

[...] Apontada como a maior ginasta da história, Simone ainda não se vê como celebridade, ainda que atraia tanta atenção quanto os multicampeões olímpicos. “Para mim, sou a mesma Simone. Apenas tenho duas medalhas olímpicas de ouro agora. Sinto que fiz o meu trabalho. Não sou uma celebridade. Sou apenas a Simone Biles, mas é incrível ser reconhecida por todos pelo meu sucesso. Eu não sou o próximo Usain Bolt ou Michael Phelps. Sou a primeira Simone Biles”, disse a ginasta.

⁷ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/climao-apos-prata-jamaicanas-se-irritam-com-pergunta-sobre-bolt.html> acesso em 20 de ago. de 2016 às 13h15min.

⁸ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/ginastica-artistica/noticia/2016/08/biles-afirma-nao-sou-o-proximo-bolt-ou-phelps-sou-primeira-simone.html> acesso em 13 de ago. de 2016 às 17h33min.

Simone Byles que, aos 19 anos de idade, é um fenômeno da ginástica na atualidade, terá mais algumas edições das Olimpíadas para aumentar o seu número de medalhas, somente em 2016 Byles conquistou quatro medalhas de ouro e uma de bronze. O seu protagonismo atrai a atenção da mídia, o que de fato é positivo, porém novamente as comparações deixam a desejar. Ao ser entrevistada, a ginasta afirma ser a primeira Simone Byles. A questão está aí, as notícias indiretamente transmitem uma noção de que as mulheres objetivam alcançar as glórias de outros atletas consagrados, a comparação não está relacionada a adversárias e até mesmo ao mesmo esporte, como é o caso de Phelps e Bolt que, respectivamente, são nadador e velocista.

A ginástica possui nomes que fizeram história nas Olimpíadas, e que talvez tenham servido de exemplo e motivação para Byles. Dois exemplos são, Larisa Latynina, dona de 9 ouros e a maior medalhista individual da história das Olimpíadas, em um total de 18 medalhas, 14 foram conquistadas em disputas individuais. Marca que perdurou de 1964 até 2016, quando então foi ultrapassada por Phelps. E a segunda, considerada uma das maiores da ginástica artística, Nadia Comaneci, que aos 14 anos de idade foi a primeira na história a receber a nota 10 na modalidade e conquistou sua primeira de nove medalhas olímpicas.

Seria natural se houvessem comparações entre elas, resguardadas as características e os méritos de cada uma, já que são grandes vencedoras, porém ao tomar como referência Bolt ou Phelps, a mídia, de certa forma, desconsidera a própria história da ginástica. Byles com certeza não precisará ser igual aos astros do esporte, pois através do seu trabalho poderá eternizar o seu nome como uma grande campeã e, assim, inspirar outras atletas a desejarem ser a nova Simone Byles.

Um espelho que reflete o quê?

A segunda questão a ser observada nas reportagens esportivas é a recorrente utilização de atributos relacionados a beleza e questão estética das atletas. Os termos “musa” e “bela” são normalmente utilizadas e acabam condicionando um padrão de feminilidade a ser seguido no esporte. Além disso, ainda há notícias travestidas de informação esportiva que visam a

erotização das atletas, como o exemplo da reportagem do dia 11 de agosto de 2016, com o seguinte título: *Com líder ousada e sem "Messi do hóquei", Leonas buscam nova vida*⁹.

Ao chamar Noel Barrionuevo, uma das principais jogadoras da seleção argentina de hóquei sobre a grama, de “líder ousada”, o leitor poderia compreender como uma característica de jogo dentro de campo, uma forma diferenciada de jogar (qualidade técnica, dribles, capacidade de improvisação). Porém ao ler a continuidade da reportagem, percebe-se que se tratava do fato da atleta ter posado nua:

“[...] Barrionuevo posou recentemente para um fotógrafo argentino que clicou atletas do país em poses sensuais. Ela disse ter gostado da repercussão, mas não se considera uma mulher sexy [...]”.

Noel é apresentada como a substituta de Luciana Aymar, sendo já apontado que seria uma difícil tarefa, pois além de contar com oito títulos de melhor do mundo:

“[...] é tão adorada quanto Maradona pelos argentinos. Aymar chegou a receber o apelido de "Messi do hóquei", tamanha sua habilidade e poder de decisão [...]”.

O hóquei sobre a grama é um esporte popular principalmente entre as mulheres na Argentina, mas ao descrever a atleta, utilizou jogadores de futebol como referência, devido à idolatria dos argentinos por Maradona e Messi. Aymar é destacada por sua habilidade e suas conquistas, já sobre Barrionuevo paira uma ambiguidade, o ensaio fotográfico estaria relacionado a sua aceitação e promoção enquanto atleta da seleção? A reportagem dá margem para tal interpretação. O apelo à beleza e erotização de Barrionuevo, utilizando-se da reportagem para publicar fotografias do ensaio fotográfico, acaba por diminuir/menosprezar o desempenho e as qualidades técnicas da atleta.

Neste mesmo contexto, no dia 12 de agosto de 2016, foi publicada a reportagem intitulada: *Ex-esportista mais sexy, holandesa troca holofote por chance de medalha*¹⁰.

Fortes e lindas. A seleção da Holanda de handebol feminino chama atenção nos Jogos Olímpicos pelos dois fatores em sinergia. E quando se fala em beleza, é impossível não citar Sanne van Olphen, já eleita como a mais sexy esportista do país. No Rio, no entanto, prefere esquecer qualquer holofote e focar apenas no sonho de medalha [...].

⁹ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/hoquei-sobre-grama/noticia/2016/08/com-lider-ousada-e-sem-messi-do-hoquei-leonas-buscam-nova-vida.html> acesso em 12 de ago. de 2016 às 13h10min.

¹⁰ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/handebol/noticia/2016/08/ex-esportista-mais-sexy-holandesa-troca-holofote-por-chance-de-medalha.html> acesso em 12 de ago. de 2016 às 14h.

Novamente o site aborda a notícia através de uma manchete sensacionalista e publica fotos de Sanne para ratificar a informação de que já foi eleita a esportista mais sexy. No decorrer do texto, em entrevista, a jogadora de handebol precisou reafirmar que sobre sua preferência ao handebol em detrimento às câmeras. Não sendo suficiente, a reportagem ainda afirma que a seleção holandesa chama a atenção pela associação de dois fatores, beleza e força. Beleza estaria associada às características femininas que se fazem indispensáveis para o desenvolvimento do esporte? Ou o desempenho atlético está condicionado à beleza?

O que se observa, é que há um reforço ao padrão de beleza existente que também se impõe no esporte. Uma visão eurocêntrica, ou seja, mulheres loiras, brancas e de olhos claros, são mais valorizadas e evidenciadas. Como os dois exemplos a seguir:

A primeira reportagem no dia 12 de agosto de 2016, com título: *Craque norueguesa, baixinha descarta vida de modelo: "Só a quadra importa"*¹¹.

Olhos azuis, traços finos e semblante nórdico. Destaque do time de handebol feminino da Noruega, Nora Mork, de 25 anos, chama atenção pela beleza e qualidade na equipe nacional. [...] Embora já tenha sido capa de revista, garante que nunca pensou na carreira de modelo. [...] É craque na simpatia e nas quadras. E é jogando handebol que prefere mostrar toda beleza.

A segunda reportagem no dia 16 de agosto de 2016, intitulada: *Belas e abusadas, holandesas tiram onda: "Deixamos o público calado"*¹².

Tão lindas, tão meigas antes da partida começar, e tão fatais. A Holanda já tinha mostrado com o vice-campeonato no último Mundial que está longe de ser só mais um monte de rostinhos bonitos no handebol. E nesta terça-feira foi a vez do Brasil sofrer com as mulheres de laranja, cabelos loiros e olhos claros.

Nos dois casos existe uma exaltação da beleza das jogadoras de handebol, tanto da Noruega como da Holanda. A caracterização de Nora Mork, desde suas características físicas até seu comportamento, demonstra que a notícia deixa em segundo plano a informação esportiva.

Talvez por se desenvolver em um ambiente predominantemente masculino, a mídia esportiva se utiliza de artifícios para atingir um maior alcance midiático, um exemplo disso é a exposição da figura feminina e a afirmação de estereótipos de feminilidade, como meigas,

¹¹ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/handebol/noticia/2016/08/craque-norueguesa-baixinha-descarta-vida-de-modelo-so-quadra-importa.html> acesso em 12 de ago. de 2016 às 14h15min.

¹² <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/handebol/noticia/2016/08/belas-e-abusadas-holandesas-tiram-onda-deixamos-o-publico-calado.html> acesso em 17 de ago. de 2016 às 8h.

simpáticas ou carismáticas. O que reforça esse pensamento é que o inverso não acontece, dificilmente esportistas homens serão noticiados pela cor dos seus olhos ou sua simpatia ou, ainda, pelo fato de serem considerados bonitos e já pressupor a necessidade de tornarem-se modelos ou posarem para revistas. Homens são mencionados pela sua performance, mulheres sobre estética e vida pessoal.

Fofocas e tricô: família e vida pessoal

O terceiro objeto de análise está relacionado às notícias que visam caracterizar as mulheres pela sua vida pessoal, novamente, perpetuando papéis de feminilidade. A descrição da mulher atleta está comumente associado à maternidade, família e comportamento fora do ambiente esportivo, o que pode ser observado a seguir: No dia 09 de agosto de 2016 o site publicou a reportagem: *Sozinha no Rio, "rainha do heptatlo" deixa família para focar no bi olímpico*¹³.

[...] Após a preparação, ela se despediu de todos e partiu rumo ao Rio de Janeiro, deixando o pequeno Reggie, de dois anos, sob os cuidados do pai. Jessica Ennis-Hill desembarca para os jogos cheia de saudades e esperança de buscar a segunda medalha de ouro. Se subir ao pódio, será mais uma das poucas mulheres a conseguir um título olímpico após a maternidade. [...] Apesar de pensar constantemente em ter mais um filho para fazer companhia a Reggie, Jess ainda não decidiu se vai ou não se aposentar do atletismo após a Rio 2016 [...].

O título já apresenta de forma sutil um juízo de valor acerca da mulher e sua participação no esporte, uma vez que por muito tempo a mulher possuiu um papel exclusivo na dedicação ao lar, maternidade e ao marido, em resumo, ao mundo privado. O esporte está além disso. Ao dizer que Jessica “deixou” a família para focar nas Olimpíadas, é possível compreender como algo anormal, contra a natureza das coisas. O que é reiterado na sequência do texto, quando se alega que o pai teria o papel de cuidar do filho, na ausência da mãe.

A maternidade versus esporte de rendimento ainda é um tabu nos dias de hoje, com o pensamento de que um poderia prejudicar o outro, e que foi utilizado como justificativa para a interdição da prática esportiva feminina, algumas décadas atrás, principalmente porque supostamente afetaria o sistema reprodutivo da mulher. A reportagem afirma sobre a intenção

¹³ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/sozinha-no-rio-rainha-do-heptatlo-deixa-familia-para-focar-no-bi-olimpico.html> acesso em 9 de ago. de 2016 às 22h12min.

de aposentadoria de Jessica e coloca indiretamente como um dos supostos motivos para isso, ter mais um filho, embora não conste no texto a fala da atleta sobre a segunda gravidez.

Os relacionamentos das atletas também ganham espaço considerável nas reportagens, como o exemplo do dia 11 de agosto de 2016, intitulada: *Medalha, flores e casamento: o dia inesquecível da "Rainha do Remo"*¹⁴.

[...] A lituana exibiu orgulhosa a medalha pendurada no pescoço, a sua primeira em uma Olimpíada. Porém, surpreendente mesmo foi receber um buquê de rosas de Jonas, seu noivo, que está na Lituânia e, ainda assim, encontrou um jeito de presentear a amada a distância. [...] Aos 27 anos, Donata, que no bilhete preso ao buquê é chamada de "Rainha do Remo" pelo noivo, teve uma tarde de fortes emoções.

Assim como na reportagem anterior, ocorre enaltecimento do pedido de casamento em detrimento da medalha de bronze conquistada por Donata. Construiu-se como senso comum o desejo da mulher de casar e ter filhos, logo, um comportamento heterossexual, e a notícia esportiva contribui para uma padronização nesse sentido.

As esportistas são descritas por seu comportamento maternal, relacionamentos bem sucedidos, emotividade e outros atributos associados a donas de casa, que podem ser considerados como femininos, como a reportagem do dia 17 de agosto de 2016, com seguinte título: *Eliminada, capitã dos EUA no hóquei vai retomar outra paixão: fazer bolo*¹⁵.

Os Estados Unidos foram eliminados nas quartas de final do hóquei sobre grama feminino, mas Lauren Crandall poderá, pelo menos, retomar uma atividade que ela domina e é especialista. A atleta não é apenas a capitã e líder do time. Ela também é a boleira oficial do time americano. Fã de cozinhar, Lauren é craque em fazer bolos. [...] Nos últimos três anos ela deixou a atividade um pouco de lado em preparação para a Rio 2016. Com a queda precoce nas quartas de final após a derrota para a Alemanha por 2 a 1, Crandall já sabe o que vai fazer assim que chegar nos Estados Unidos.

A utilização dos termos “especialista” e “craque” para dizer que Lauren gosta de fazer bolos, de certa forma, a desqualifica enquanto jogadora de hóquei, pois dá margem para interpretar que o que ela faz de melhor é cozinhar. E que estaria tirando férias – de fazer bolo - para participar das Olimpíadas. O sentido atribuído é de que o esporte é secundário, não há um reconhecimento e valorização enquanto atividade profissional. A caracterização do tópico como “*fofocas e tricô: família e vida pessoal*” representa esse entendimento, uma vez que não

¹⁴ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/remo/noticia/2016/08/medalha-flores-e-casamento-o-dia-inesquecivel-da-rainha-do-remo.html> acesso em 13 de ago. de 2016 às 11h23min.

¹⁵ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/hoquei-sobre-grama/noticia/2016/08/eliminada-capita-dos-eua-no-hoquei-vai-retomar-outra-paixao-fazer-bolo.html> acesso em 18 de ago. de 2016 às 13h12min.

há conteúdo ou informação esportiva aprofundada, o que se encontra são notícias irrelevantes no contexto esportivo e que só servem para reafirmar padrões de feminilidade ou bisbilhotar sobre a vida das esportistas.

Considerações preliminares

Após analisar a cobertura feita pelo site Globoesporte.com das Olimpíadas, com enfoque exclusivo nas reportagens que abordavam a participação feminina no evento, e através das leituras sobre gênero e sobre a história das mulheres nas práticas esportivas, é possível fazer algumas considerações, porém que estão distantes de serem finais, pois faz-se necessário a continuidade de estudos e discussões sobre a temática, que está diretamente relacionada a área da Educação Física e que apresenta implicações no âmbito escolar. Dessa forma, algumas considerações serão apresentadas a seguir.

Alguns dos resultados demonstram que a comparação e supervalorização do esporte masculino é recorrente nas notícias, assim como nas transmissões esportivas, o que acaba por desqualificar o desempenho das atletas, como se o esporte feminino fosse uma mera reprodução do masculino. A exaltação de atletas masculinos acaba diminuindo o mérito das conquistas femininas. Por meio das notícias analisadas é possível entender que as mulheres estão sempre em um patamar inferior ou em busca de igualar feitos masculinos.

De certa forma, não basta fazer o comum para ser notícia entre homens e mulheres, é necessário fazer o incomum para figurar no mesmo patamar ou para estabelecer pontos comparativos. O que também é um problema, porque na comparação, as mulheres não estabelecem o seu lugar real no universo do desempenho esportivo. São atributos míticos ou olímpicos, que em grau comparativo, não colaboram para a conquista de espaços noticiosos racionais para as mulheres.

O que se observa também é que ainda existe uma exposição muito grande acerca da beleza e objetificação das mulheres, o que acaba inviabilizando os seus desempenhos. Goellner (2003) afirmou que o apelo à beleza das jogadoras e a erotização tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as mulheres forem atraentes atrairão mais público, logo, aumentarão as propagandas, ampliarão os recursos e atrairão mais patrocinadores, o que é fundamental para o desenvolvimento do esporte feminino.

A mídia, neste caso, o site Globoesporte.com através dos discursos ressalta características de feminilidade, destacando seu comportamento fora das quadras e valorizando além da beleza, o carisma, simpatia e principalmente a questão da maternidade, enquanto isso a informação esportiva fica em segundo plano. A cobertura midiática sobre o esporte praticado por mulheres é acompanhada por uma banalização e erotização, constituindo uma negação do poder esportivo dessas mulheres ou que é menos poderoso e valioso do que o esporte praticado por homens (KNIJNIK e SOUZA, 2004).

O tratamento diferenciado e a depreciação do desempenho esportivo ainda figuram nas reportagens quando se tem a mulher como personagem. Embora exista uma maior visibilidade quando se trata de um megaevento como as Olimpíadas, os discursos não corroboram para a transformação do esporte em um ambiente mais igualitário e, principalmente, para o desenvolvimento de uma cultura esportiva feminina.

Referências

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: res-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v.12, p.445-65, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200006/9070>> acesso em 09 out. 2017.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11º ed. Editora Bertrand Brasil, tradução Maria Helena, Rio de Janeiro, 2012.
- BORELLI V. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos**. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande/MS, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69091043172603617173111127019307506949.pdf>> acesso em 12 out. 2017.
- DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**, Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.
- _____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abril/jun. 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- GREGOLIN M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 4, nº 11, p. 11-25, nov. 2007.

JANUÁRIO, S. B. Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Revista Eptic**, v. 18, nº 1, jan/abril 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/4635/pdf>> acesso em 09 de out. 2017.

JOHN, V. M. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, nº 2, jul/dez. 2014.

KNIJNIK, J. D.; SOUZA, J. S. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In. Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo, Aleph, p.191-212, 2004.

KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642>>, acesso em 24 set. 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

MEYER, D. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de história e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, nº1, jan/fev. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n1/a03v57n1.pdf>> acesso em 09 out. 2017.

MÜHLEN, J. C. V. **Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de masculinidades e feminilidades (re)produzidas pelo Site Terra**. 133f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NASCIMENTO, P. H. **Mulheres no pódio: histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras**. 87f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RUBIO, K. SIMOES, A. C. De espectadores a protagonistas a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, ano V, nº 11, 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484/1134>> acesso em 02 abr. 2017.

SANTOS, A. L. MEZZARROBA, C. Esporte e mídia: um estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo e algumas implicações na Escola. **Revista da UNIFEBE**, v. 1, nº 10, p.35-49, jul/dez. 2012.

SCHMITZ FILHO, A. G. **A CPI do Futebol: agendamentos e processualidades sistêmicas**. 292f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 54-73, jul/dez. 1995.